

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES

Ana Paula Franco Gomes¹

Diego Carlos Pereira²

Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar a contribuição da contação de histórias, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como a sua contribuição no processo de formação de novos leitores. O ato de ler, contar e ouvir histórias favorece a aquisição do conhecimento, estimula a criatividade, a imaginação e a oralidade. Tal pesquisa teve como propósito compreender e apresentar aspectos acerca da contação de histórias, na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, assim como os diversos recursos capazes de enriquecer essa narração. Neste trabalho, para discutir o tema a contação de história e sua contribuição para o processo de formação de novos leitores, utilizamos como referenciais teóricos Abramovitch (1995), Busatto (2003, 2007), Tahan (1961) além do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998) e, como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, por meio da qual foi possível identificar autores consagrados, materiais e outros trabalhos já elaborados sobre a temática que poderiam subsidiar as discussões, buscando correlações e estruturando as fundamentações para o estudo pelo viés teórico-científico. Os resultados alcançados demonstraram a contação de histórias como uma ferramenta metodológica promotora de múltiplas e significativas aprendizagens, no ambiente escolar, além de favorecer o desenvolvimento social e emocional da criança.

Palavras-chave: Contação de histórias. Leitura. Formação. Leitores.

1. Introdução

Enquanto estudante do curso de Pedagogia da UFLA e, nesse processo de estudos e construção de conhecimento, com a colaboração de tutores e professores, temas relevantes foram apresentados aos estudantes e, assim, foi despertada a curiosidade e a necessidade da busca por mais conhecimento. Entre esses diversos estudos, algumas questões se tornaram mais insistentes e inflamaram nosso instinto

¹ Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, e-mail: ana.gomes3@pedagogia.ufla.br.

² Professor Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP - Campus Rio Claro/SP). Graduado em Licenciatura em Geografia (2014) e Mestre em Educação (2016) pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM - Uberaba/MG).

de pesquisadores. Gostamos muito de crianças e questões que abordem assuntos a respeito da educação infantil, o seu processo de aprendizagem, a leitura e a formação de novos leitores despertaram-nos grande interesse ao longo da formação.

A partir do contato com a leitura, o conhecimento prévio de mundo se desenvolve, a forma como vemos os diversos contextos que nos permeiam se alteram, pois tudo que nos constitui como sujeitos ativos na sociedade parte dessa construção que fazemos. Assim, ler um texto é produzir sentido, atualizar e fazer relações entre diversos estudos, além de proporcionar maior compreensão de algumas práticas sociais, muitas vezes, despercebidas no cotidiano. Os estudos acerca desses temas são relevantes para a formação, principalmente de um educador, que mantém contato direto com os estudantes e ajuda a entender o contexto da sociedade.

Portanto, na busca por respostas que possam atender a esses anseios, fez-se necessário que buscássemos o aprofundamento de leituras e pesquisas acerca desse universo e suas contribuições para a formação de leitores ativos e críticos em uma sociedade que carece de leitura e interpretação de texto a todo momento.

De acordo com o Daniel Amaro (2018):

A prática da leitura ainda não está totalmente presente entre os brasileiros. Uma prova disso são os dados da pesquisa Retratos da Leitura do Instituto Pró-Livro. De acordo com o levantamento, 44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro. A média de obras lidas por pessoa ao ano é de 4.96. Desse total, 2.43 foram terminados e 2.53 lidos em partes.

Tal fato explicitado na mídia aponta que o Brasil é um país em que muitos cidadãos possuem pouco hábito de leitura que, em consequência, implica baixa habilidade de debate, pouca capacidade de interpretação textual, além da ausência de postura crítica. Ainda, segundo o jornal citado acima, “[...]um estudo da Sociedade Brasileira de Pediatria diz que é recomendado ler para uma criança ainda no ventre” (AMARO, 2018, s/p).

Assim, temos como hipótese que, a partir do contato com os livros, da apresentação de histórias contadas e, por meio do incentivo à leitura, as crianças têm sua imaginação despertada e o interesse por esse mundo começa a surgir. Acreditamos que, ao contar uma história, o professor de educação infantil possa trabalhar de forma lúdica, descontraída e alegre, para que a criança possa vivenciar

um mundo diferente da sua realidade por meio de sua criatividade e imaginação, possibilitando, assim, condições que favoreçam o seu desenvolvimento.

Ler requer esforço como qualquer outra atividade que nos faça exercitar. Nesse caso, nosso cérebro, ao praticar o ato da leitura, sai de sua zona de conforto em busca de novos conhecimentos. É de grande importância que o incentivo a essa atividade se inicie nos primeiros anos de vida, pois é uma das fases em que a criança adquire e percebe variados fatores, ao seu redor, que poderão ser levados para o resto de sua vida. Desse modo, o professor de educação infantil pode contribuir com a formação do caráter e oferecer à criança perspectivas e possibilidades, mostrando-lhe um caminho por onde ela possa se posicionar criticamente e avaliar a realidade que a cerca. Portanto conjecturamos que esse profissional pode ser um mediador desse processo, proporcionando à criança um ambiente lúdico e estimulante que lhe favoreça o despertar e o interesse pela leitura.

Ainda como hipótese, compreendemos que o ato de contar histórias na educação infantil estimula nas crianças a curiosidade, desperta o seu imaginário, a construção e reconstrução de ideias próprias, fazendo com que elas vivenciem situações que possam envolver sentimentos conflituosos, nos quais aconteça a reflexão e o suporte, para que possam resolver e criar novas expectativas, além de contribuir à formação da personalidade, da oralidade e abranger também o lado social e afetivo.

Baseando-se em autores, como Abramovitch (1995) e Busatto (2003, 2007), além do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998), temos como ponto inicial o entendimento de que as temáticas de contação de histórias e a leitura na educação infantil envolvem a análise das potencialidades e desafios dessa prática educativa na educação infantil. Além disso, a identificação dos recursos capazes de enriquecer a contação de história, o estímulo à imaginação, à criatividade e o desenvolvimento da oralidade, além da busca pela compreensão de práticas pedagógicas que favoreçam o processo de formação de novos leitores. Portanto torna-se útil que professores utilizem essa ferramenta ao desenvolvimento pleno da criança, criando, assim, condições para a formação de novos leitores, instigando a imaginação, a criatividade e desenvolvendo à oralidade, de forma a contemplar a formação social da criança como um todo.

Cabe ainda compreender, a partir dos autores citados anteriormente, que aprender a ler é um processo singular e diferente para cada pessoa e é contínuo, ao longo da vida e da socialização, mas, ao mesmo tempo, é um processo que depende de como tudo começa, da motivação e do incentivo que a criança recebe para adquirir novas experiências leitoras. Nesse sentido, surgiu a importância de conhecer a diversidade, em uma sala de aula, pois o desenvolvimento das crianças se distingue, ou seja, a escola se torna um espaço de pluralidades, que torna ainda mais pertinente a preparação dos professores para estarem atentos aos diversos aspectos que demandam o ensino e aprendizagem dos estudantes. Com esse pressuposto, o professor, nesse processo, atuando como mediador no cotidiano escolar, pode aproveitar todas as situações, a fim de criar oportunidades de contato com a leitura, impulsionando essa prática desde a tenra idade.

Nesse contexto, tal pesquisa justifica-se por considerar a leitura um importante instrumento para a construção e aquisição do conhecimento e, enquanto futura mediadora desse processo, é de grande relevância que eu possa apreender conhecimentos referentes ao tema em questão, que contribuirão para a prática docente no âmbito da Pedagogia.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve como objetivo geral compreender e apresentar aspectos acerca da contação de histórias na educação infantil, assim como os diversos recursos capazes de enriquecer essa narração. Desse modo, este trabalho tem os seguintes objetivos específicos: o primeiro é analisar as potencialidades e desafios da contação de história como prática educativa na educação infantil; já o segundo, identificar, a partir de pesquisas, materiais e práticas promissoras para enriquecer a contação de histórias; por fim, o terceiro objetivo específico consiste em compreender como essas práticas pedagógicas podem favorecer o processo de formação de novos leitores.

A fim de compreender e revisitar os caminhos que compõem a contação de histórias e suas contribuições na educação infantil, para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se pela pesquisa bibliográfica, por meio da qual é possível identificar autores consagrados, materiais e outros trabalhos já elaborados sobre a temática que podem subsidiar as discussões, buscando correlações e estruturando as fundamentações para o estudo, pelo viés teórico-científico. Na Revisão da Literatura ou Pesquisa Bibliográfica:

[...] é realizada uma ampla discussão sobre o estágio do tema, na forma de um debate entre os autores consultados, com o objetivo de identificar posturas, ideias e opiniões através de uma análise crítica e reflexiva dos seus conteúdos [...] (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 253).

Ainda, segundo esses mesmos autores, a coleta de dados nesta metodologia consiste em selecionar as obras a serem utilizadas, realizando pesquisas bibliográficas na biblioteca e plataformas digitais confiáveis e localizar as informações. Entre as funções da pesquisa bibliográfica[...]destaca-se o “[...] registro de documentos de domínio científico, tais como livros, periódicos, teses, artigos científicos e dicionários” (MARIGO; BRAGA, 2015, p. 61).

Como o intuito de compreender e reconstruir conhecimentos acerca da contação de histórias e sua contribuição ao processo de formação de novos leitores, por intermédio da análise de textos e livros existentes, utilizamos, como aspecto metodológico, a abordagem qualitativa com objetivo exploratório e pesquisa bibliográfica como procedimento técnico (GIL, 2002). Sua indicação para este estudo relaciona-se ao fato de a aproximação com o objeto possa ser dada a partir de fontes bibliográficas. Assim, a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, bem como permite a utilização de dados dispersos, em inúmeras publicações e auxilia na melhor definição do quadro conceitual que abarca o objeto proposto para estudo (GIL, 2002).

Desta forma, dada a nossa paixão pelo universo infantil, suas peculiaridades e seu desenvolvimento, bem como a motivação pela prática e ação docente, na educação infantil e tendo em vista a contação de histórias, como ação educativa, esta pesquisa se constitui por uma paixão e um sonho: contar histórias. Para tanto, o combustível que a impulsiona se faz presente na rotina diária da mãe e futura educadora, amante do universo infantil e da sua magia, o mundo dos livros e suas infinitas histórias. Sentimo-nos instigados na busca pela compreensão de tal prática que propicia múltiplas aprendizagens na educação infantil, bem como em todo o ambiente escolar e representa elevado potencial para a melhoria da qualidade de ensino.

Este trabalho está organizado em três tópicos que representaram o desenvolvimento teórico realizado a partir da pesquisa bibliográfica: o primeiro

disserta sobre as potencialidades e desafios da contação de história como prática educativa na educação infantil; já o segundo trata dos materiais e práticas promissoras para enriquecer a contação de histórias; por fim, o terceiro tópico aborda como essas práticas pedagógicas podem favorecer o processo de formação de novos leitores.

2.Potencialidades e desafios da contação de história como prática educativa na educação infantil

A arte de contar histórias compreende uma das mais antigas formas de expressão do homem, utilizada para socializar uma cultura, disseminar experiências, costumes, ou até mesmo expressar sentimentos. Nossos antepassados se valiam dessa técnica com o objetivo de manter vivas suas memórias para as novas gerações. E, assim, com esse antigo costume popular relativo à tradição oral, muitos “causos”, “mitos” e “estórias” se mantêm vivos até hoje, conforme afirma Tahan (1961, p.24), “até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, têm usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas”.

Pode-se afirmar que os seres humanos, ao longo do tempo, tiveram um contato com diversas linguagens, como a corporal, a imagética e a textual, que juntas, ou não, combinam fatores na produção de sentidos. Ao analisar a conjuntura histórica, na antiguidade, a comunicação era feita por figuras, que vemos nas pinturas rupestres época em que o ser humano primeiramente se comunicava por imagens. Com o passar do tempo e a invenção da escrita, alguns documentos os quais legitimaram fatos que os humanos acharam necessário salvaguardar, registraram essas memórias, mas, na história, algumas vezes, a escrita e a leitura se consolidam somente na classe dominante, ou seja, para uma classe mais pobre, sem acesso à escrita e à leitura, sua comunicação se dá pelo imagético e pela oralidade, que, de fato, torna-se uma grande forma de repassar culturas, aprendizados e vivências que não podem ser registrados.

No tocante à área educacional, a contação de histórias pode ser vista como importante estratégia de ensino, quando utilizada com o intuito de desenvolver nos alunos a descoberta e o prazer pela leitura, bem como enriquecer a prática pedagógica e ampliá-la de forma significativa. Tais propostas narrativas transformam

o solo da imaginação, em um terreno fértil e criativo, promovem a oralidade, facilitam a interação e o aprendizado, oferecem subsídios para as brincadeiras e o faz de conta, além de fornecerem respaldo para o desenvolvimento do senso crítico e da formação da personalidade da criança.

O ato de contar histórias deve ser uma prática cultural na educação infantil, de modo que as escolas devem se esforçar em manter esse vínculo entre a criança e a literatura. A relação do livro com a criança, a criação pelo gosto da leitura e a formação de novos leitores se torna um trabalho delicado, pois a escola desenvolve suas atividades, com base em métodos avaliativos, assim, “não se pode medir notas ou conceitos quando contamos ou ouvimos um conto e a escola tem dificuldades em trabalhar com aquilo que não se pode ser avaliado” (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 236). Para realizar uma experiência positiva, no que se refere à prática da leitura com as crianças, é preciso refletir sobre os métodos que serão utilizados, pois tomar gosto pela leitura já é um grande caminho na conquista deste trabalho.

De acordo com os estudos de Bernardino e Souza (2011, p. 236):

As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade.

Refletindo esses aspectos baseados nos autores citados, o ato de contar histórias se entrelaça de forma perspicaz ao lúdico, estabelecendo, assim, conexões para que o aluno desenvolva a responsabilidade, o autoconhecimento e o conhecimento sobre o mundo que são fundamentais, nas fases de alfabetização e letramento, para um desenvolvimento pleno. Escutar histórias promove habilidades metacognitivas, consciência metalinguística, desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e meta-alfabetizados, que correspondem ao saber explicar, descrever e nomear por meio de verbos cognitivos como “penso”, “acho”, “imagino”, bem como reconhecer letras e relacionar fonemas e grafemas.

Além disso, a literatura oral se apresenta como ferramenta potencializadora da interdisciplinaridade. Para Abramovich (1995, p. 17):

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara aula.

A relação estabelecida em uma proposta interdisciplinar perpassa os conhecimentos acerca da Geografia e da História, e o professor, de forma criativa e fluida, consegue transitar entre aprendizagens significativas sobre os diferentes povos, suas culturas e a diversidade. Nesse sentido, corroboramos com Bernardino e Souza, os quais afirmam que:

A escola tem uma grande responsabilidade nesse processo, o sistema educativo deve ajudar quem cresce em determinada cultura a se identificar, a partir das narrativas é possível construir uma identidade e de encontrar-se dentro da própria cultura, a escola deveria promover e divulgar contos orais e escritos que mostrem à realidade pluricultural brasileira resgatando história da tradição afro-indígena, favorecendo deste modo a construção da identidade infantil. Há gerações isto vem sendo negado onde se legitimam apenas os contos de origem europeia (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p.241).

Como se verifica, nosso país é formado por uma diversidade cultural, por isso, é necessário conscientizar a atual geração, por intermédio do ensino e da leitura, o conhecimento da realidade brasileira, assim, a escola se tornará um espaço mais democrático, em que visará atender a todos os jovens advindos de diversas camadas sociais.

O ato de aprender, por meio do lúdico, instiga e estimula a criança, e ela interage e ressignifica o conhecimento socializado, seguindo assim para o próximo estágio da aprendizagem. No fenômeno da aprendizagem, está presente a comunicação, que é um fato em nosso cotidiano, e a leitura induz a esse fenômeno. O ser humano se depara com uma comunicação visual e textual cotidianamente e, a partir desse contato, a construção de estímulos e significados começa a se lapidar.

No âmbito do desenvolvimento infantil, a prática da contação de histórias contribui ainda para o desenvolvimento da criança quando existe uma relação de interação e construção coletivas (NEPOMUNENO; LEMOS, 2013 *apud* ROSSONI 2013); a mediação do professor, durante essas atividades, pode propiciar a troca de informações por meio do diálogo entre seus pares, que são capazes de se desenvolver de forma ativa e coparticipativa, cooperando de forma considerável na autoconstrução do conhecimento. Promover questionamentos, levantar hipóteses e ainda aguçar a

imaginação estabelecem oportunidades, para que a criança se desenvolva tanto de forma individual quanto coletiva, pois cria diálogos potencialmente promotores da criticidade e da argumentatividade.

A partir da reflexão sobre práticas pedagógicas que favoreçam o processo de leitura e escrita, a ludicidade se desenvolve como ponto positivo e que agrega valores nessa construção. O aprimoramento de atividades interativas que utilizam a linguagem infantil se torna pertinente nas habilidades cognitivas das crianças. De acordo com Bernardino e Souza (2011, p.238) “O conhecimento adquirido pelas crianças em idade “pré-escolar” das competências da língua e narrativas são fundamentais nas fases de alfabetização e letramento”. Com isso, no início da trajetória escolar das crianças, a escola se torna um espaço de adaptação, e a biblioteca pode se tornar um espaço afetivo e inspirador.

Ainda sob à luz dos estudos de Rossoni (2013), as narrativas orais trabalhadas na educação infantil, muitas vezes, não são potencialmente desenvolvidas, e seu uso, reiteradamente, está atrelado a um passatempo divertido ou método para acalmar os alunos depois de alguma atividade agitada ou após o recreio. Essa visão errônea com aplicabilidade equivocada não oportuniza condições para que se promovam novas aprendizagens. Saber reconhecer o valor de tal prática propicia experiências valiosas, tanto de construção social quanto afetiva, deixando assim de ser uma metodologia fragmentada e se transformando em um momento mágico e acolhedor, no qual o aluno descobre o prazer que pode estar aliado à leitura e suas variantes. Refletindo essa análise como elemento central de aprendizagem e conhecimento histórico para a sala de aula, o professor mediador se torna um contribuinte na formação de leitores e pensadores, críticos e interpretativos.

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.145) “a leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários”. Um bom texto deve admitir várias interpretações, superando-se, assim, o mito de que ler é somente extrair informação da escrita”. Embora os alunos da educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental ainda não dominem a prática da leitura e da escrita, pois estão em processo de alfabetização e de construção (ou não) do hábito de leitura, o conhecimento adquirido nessa fase influencia no seu desenvolvimento e representa um grande avanço para a sua

sistematização. Desta forma, a prática da escrita articulada à leitura fará com que a criança compreenda de forma mais fácil esse processo de ler e escrever.

Outra fonte de aprendizagem pode ser associada à contação de histórias e refere-se aos contos de fada, que têm, em sua trama, situações que apresentam descobertas ligadas a valores éticos, de cunho social e moral. O simbolismo usado nesses contos leva a criança a pensar sobre tais valores, favorecendo o fortalecimento do espírito crítico e de aspectos do comportamento e sociabilidade no âmbito de uma cultura. Segundo Bernardino e Souza (2011, p. 243):

Os contos de fadas são as únicas histórias que de maneira simples e simbólica falam das perdas, da fome, da morte, do medo, do abandono, da violência...Eles têm suas bases nas camadas do inconsciente coletivo, em sentimentos comuns a toda a humanidade, por isso encontramos histórias bastante parecidas em diversas culturas pelo globo e em épocas diversas.

Tais narrativas possuem estruturas simples, que apresentam sentimentos complexos de um modo fácil de compreensão, especialmente pelas crianças, mostrando a possibilidade de reorganizar sentimentos nem tão bons, trabalhando de forma tênue a estrutura psíquica. Ademais, por expressarem sentimentos ligados à inveja, desigualdades, traição, soberba, trapaças e covardia, a análise crítica desses componentes propicia um caminho para a discussão de valores inseridos na sociedade e possíveis padrões morais que se esperam do ser humano, promovendo uma discussão pacífica de sentimentos complexos e contraditórios.

3. Materiais e práticas promissoras para enriquecer a contação de histórias

O ato de ouvir e contar histórias, na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, permite ao professor trabalhar os mais diversos conteúdos, além de desenvolver práticas de leitura e escrita ligadas à essa ferramenta metodológica. Para que a hora da contação de histórias seja um momento rico e facilitador do desenvolvimento de outras competências que estejam associadas, é aconselhável oferecer um ambiente convidativo à escuta plena, acolhedor, aconchegante e, se possível, livre de outras distrações. Na sala de aula, a preparação com um baú ou prateleiras de livros, tapetes coloridos, fantoches, dedoches, avental com

personagens, que podem ser fixados com velcro, são recursos didáticos propícios a instigar a imaginação e produzir momentos de descontração e aprendizagens.

Busatto (2003) afirma que o professor/contador deve descobrir as razões pelas quais contar histórias, para quem contá-las e em que contexto, afirmando, ainda, que o contar em pé permite a criação de imagens corporais e a ligação do professor/contador e as crianças pelo contato visual, olho no olho. Em consonância com as afirmações de Busatto, o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 142) estabelece que:

Para favorecer as práticas de leitura, algumas condições são consideradas essenciais. São elas: • dispor de um acervo em sala com livros e outros materiais, como histórias em quadrinhos, revistas, enciclopédias, jornais etc., classificados e organizados com a ajuda das crianças; • organizar momentos de leitura livre nos quais o professor também leia para si. Para as crianças é fundamental ter o professor como um bom modelo. O professor que lê histórias, que tem boa e prazerosa relação com a leitura e gosta verdadeiramente de ler, tem um papel fundamental: o de modelo para as crianças; • possibilitar às crianças a escolha de suas leituras e o contato com os livros, de forma a que possam manuseá-los, por exemplo, nos momentos de atividades diversificadas; • possibilitar regularmente às crianças o empréstimo de livros para levarem para casa. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura em casa, junto com os familiares.

De acordo com Tahan (1961, p.99), “não deve a narrativa, dentro da maior exatidão pinturesca, apresentar vocábulos ou torneios de frases que escapem à compreensão das crianças, ou melhor, dos ouvintes a que é destinada”. Ao se contar uma história, o uso de palavras rebuscadas ou vocabulário complexo compromete tanto o seu sentido como a sua compreensão. Palavras simples nem sempre são sinônimo de história pobre de enredo, a complexidade das palavras pode avançar, de acordo com o aprendizado das crianças, que também evoluem, à medida que elas entram em contato com novas experiências. A pronúncia correta das palavras também facilita a audição do que se ouve, favorecendo assim a compreensão apropriada da fala, conforme afirma Busatto (2003, p. 40-41):

Ao ouvir um texto bem lido ou narrado, aprendemos a correta sonoridade das palavras, percebemos o ritmo impresso pelo narrador, sentimos os sons do silêncio, nos envolvemos com a sua musicalidade e com os sentimentos que emergem do conto.

Na perspectiva de utilização da prática pedagógica da contação de histórias, no ambiente escolar, para que se atinjam os objetivos planejados e alcancem êxito,

reafirma-se, pois, que o trabalho educativo do professor, pelo exposto, assume grande importância, cabendo-lhe planejar e viabilizar a sua ação pedagógica, de maneira que os alunos se apropriem do conhecimento. Para tanto, a ação docente depende de vários fatores, entre eles, o envolvimento e a preparação de quem a apresenta, assim, orientado por Busatto (2007, p.72):

a) Curta a história – o bom contador acredita na sua história, se envolve e vibra com ela. Se o professor não estiver interessado, dificilmente conseguirá interessar as crianças; b) Evite adaptações – deve-se ler o que está escrito no livro. Não privar os alunos do contato com o texto literário. Os velhos contos de fadas são histórias cheias de fantasias e de poesia. Lidam com sentimentos fundamentais do ser humano: o medo, a angústia, o ódio, o amor. Permitem à criança exercitar através da imaginação, soluções para problemas concretos da vida, que interessam ao adulto; c) Não explique demais – a adaptação de histórias é uma descaracterização da história na vida da criança. Muitas vezes, a história exerce a função de desenvolver ou até prolongar o mistério. [...] d) Uma história é um ponto de encontro – ao entrar numa roda de história, a criança participa de uma experiência comum que facilita o conhecimento e as ligações com as crianças. e) Uma história também é um ponto de partida – a partir de uma história é possível desenvolver outras atividades: desenho, massa, cerâmica, teatro ou o que a imaginação sugerir. f) Moral da história – nenhuma, ou melhor, várias. Essa história sobre os segredos das histórias e os contadores de histórias é só o começo, o resto quem conta somos nós, com a experiência, imaginação e bom senso [...].

O trabalho de ler para crianças e instigá-las ao interesse à concentração e à prática de leitura requer muito esforço. Primeiramente o(a) professor(a) que irá realizar essa atividade precisa estar ciente do contexto atual em que a sociedade vive, pois, de acordo com Rossoni (2013, p.15), “contemporaneamente, as crianças chegam à escola com um vasto repertório midiático, conhecedoras e usuárias de equipamentos tecnológicos, agitadas e, muitas vezes, com dificuldades de concentração”. Na maioria das vezes, a criança que não tem esse momento de leitura familiar dentro de casa, sofre de timidez diante dos outros colegas e também dos professores. A prática da leitura vai além do que citar palavras escritas, em uma folha de papel; essa importante atividade escolar contribui para o desenvolvimento pleno das crianças, tanto no que se refere ao interesse pela leitura, concentração para as atividades, quanto para o seu desenvolvimento cognitivo e social em seu meio. Portanto o professor/contador deve oportunizar momentos de interação entre os alunos e a história contada, para que elas se sintam parte dela. mesma.

4. Práticas pedagógicas podem favorecer o processo de formação de novos leitores

A leitura é a base do processo de alfabetização, e o contexto educacional carrega esse fator como cerne de seu trabalho, além de promover a formação da cidadania, a qual está presente em nossa Carta Constitucional de 1988, que declara, em seu artigo 205, que "[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1988). Toda essa conjuntura educacional é essencial para uma vivência com autonomia em uma sociedade letrada, em que o uso competente da linguagem é condição primordial, para realizar as mais diversas atividades sociais e comunicativas, em diferentes contextos culturais. Com a aquisição da leitura e da escrita, o homem torna-se sujeito da própria história, capaz de captar, compreender, interpretar, agir e interagir, em qualquer situação ou esfera social, a partir da palavra lida. Segundo Gadotti (1982, p. 17):

O ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio.

Praticar a leitura com as crianças se torna uma estratégia de ensino que aplica o pleno desenvolvimento da práxis pedagógica, mediante os conteúdos que a escola promove. Em consequência, surgirá o ato de escrever, que é uma aprendizagem significativa para as crianças que estão aprendendo a ler e escrever suas primeiras palavras. De fato, tal atividade terá a pertinente mediação dos professores, os quais precisam estar preparados para seu ofício. Para tanto, Faria aponta:

Como o professor deve proceder para incentivar, aprofundar e consolidar o gosto pela leitura! 'Embora leve-se em conta o fato de ser uma atividade em parte individual e solitária, o percurso da leitura tem um terreno em que o professor pode atuar, mesmo que não se saiba ao certo até onde isso é possível (FARIA, 2005, p.116).

Nesse sentido, o gosto pela leitura pode ser despertado pelo entusiasmo do professor que incentiva a leitura e apresenta os mais diversos livros para os alunos. O professor/contador torna-se um importante mediador nesse processo, ao incluir em seu planejamento curricular momentos dedicados à leitura, uma vez que oferecer tais

oportunidades depreende capacitar as crianças a desenvolver potencialidades dentro da língua materna.

Quanto ao papel do professor/contador, no âmbito da contação de histórias como instrumento de uso pedagógico, Rossoni (2013, p. 68) afirma que: “o exemplo constitui-se fonte de inspiração para o aluno, assim o professor em contato com o livro, com a leitura e com o contar histórias, exerce influência positiva no desenvolvimento de hábitos leitores”.

Portanto um dos principais passos que corroboram para a formação de novos leitores e a apropriação do hábito da leitura diz respeito à escolha e seleção do material; é preciso, antes, saber se o conteúdo do material escolhido é adequado à faixa etária e à competência de seus leitores. Faria (2005, p. 18) afirma que “é possível estimular a curiosidade da criança na busca por descobrir informações acerca do autor ou ilustrador do livro”, e tais descobertas permitem mergulhar um pouco mais fundo no livro, ampliando suas possibilidades de leitura e compreensão, uma vez que as crianças dessa faixa etária estão em constante aprendizado e ávidas por viverem novas experiências.

Outra prática pedagógica que corrobora, para a construção desse processo de aprendizagem no universo infantil, é a repetição da história contada, que, nesta ótica, não representa nenhum problema e pode ser vista como ponto positivo e construtor de conhecimentos, uma vez que a criança gosta de escutar a mesma história várias vezes e se sente segura ao imaginar que pode prever os acontecimentos futuros dentro da trama, além de sempre encontrar algo novo que ainda não havia observado ou registrado em sua memória. Ao discorrer sobre tal prática, o RCNEI (BRASIL, 1998, p.143) afirma:

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita. Sabe que na escrita as coisas permanecem, que se pode voltar a elas e encontrá-las tal qual estavam da primeira vez.

O recontar da história também pode representar outra prática pedagógica de aplicabilidade certa, condizente com as estratégias e planejamentos que o professor pode propor para esta atividade, tendo em vista que é capaz de produzir

bons resultados, uma vez que as crianças podem reconstruir o enredo do texto original e, desta forma, manifestar suas compreensões e perspectivas acerca da história contada. De acordo com o RCNEI(BRASIL, 1998, p.144):

Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. Nessas condições, cabe ao professor promover situações para que as crianças compreendam as relações entre o que se fala, o texto escrito e a imagem. O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, frequentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor.

Ainda, no viés construtor de práticas pedagógicas que favorecem o processo de formação de novos leitores, compreende-se também a relevância do professor/contador oportunizar momentos referentes à pré-leitura com indícios do que se deve esperar da história, com o intuito de instigar a curiosidade e atenção. Segundo Moreno (2009, p.236), “pode-se sugerir que prestem atenção para um incidente em particular, ou que se preparem para falar sobre as pessoas, lugares e sentimentos que apareceram na história”, bem como promover momentos relacionados à “pós-leitura” (depois da contação da história), levantando questionamentos e, para o autor (MORENO, 2009, p.236), “cabe perguntar, por exemplo, ao grupo o que acharam dos personagens, pedir que façam uma descrição de cada um e do lugar onde a história aconteceu, que falem sobre o que acharam do final da história, etc”.

Nesse caminho de diálogos e questionamentos, favorecer a compreensão da história contada por meio de perguntas direcionadas aos alunos, amplia as possibilidades e visões acerca do material lido. Nesse sentido, perguntas específicas direcionam a atenção aos detalhes importantes, enquanto questões abertas oportunizam espaço para se discutir sobre as experiências vividas ou de outras pessoas. Para Faria (2005, p. 135), “fato é que a elaboração escrita dos textos lidos ou o relato oral constituem um enriquecimento do domínio linguístico dos alunos”, em que já se trabalha com o enriquecimento da língua materna.

Outro fator preponderante sobre a contação de história é que pode ser compreendida, como estratégia pedagógica a ser utilizada, para incentivar a prática da leitura, uma vez que inserir a criança no mundo da leitura pela contação de histórias faz com que ela se sinta interessada também por outros livros com novas histórias.

As crianças que têm contato com as narrativas, seja de livros de literatura ou da contação de histórias, à medida que se tornam ouvintes e leitores críticos, assumem o protagonismo de suas próprias experiências com a linguagem. Para Bernardino e Souza (2011, p.238), “a iniciação literária desde a infância com livros de imagens com ou sem textos e o trabalho com contos podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura para além da simples decodificação do código linguístico”. Embora a educação infantil não tenha a função de alfabetizar a criança, os conhecimentos adquiridos nessa etapa educacional são elementos fundamentais, para dar continuidade ao processo de alfabetização e letramento, que se segue ao ensino fundamental nos anos iniciais.

Na etapa educacional infantil, há o desenvolvimento de habilidades ligadas à oralidade, cognição, criatividade, desenvolvimento psicomotor, imaginação, raciocínio, interação, entre outras, que serão peças fundamentais para que o processo de construção da leitura e escrita aconteça posteriormente. Nesta visão, a aquisição da leitura que se consolida, por meio das práticas de alfabetização e letramento e se dá no campo linguístico da codificação e decodificação das palavras, é muito mais que um processo de decodificação de sons, envolve um processo em consonância com o RCNEI:

Ler não é decifrar palavras. A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, apoiando-se em diferentes estratégias, como seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a linguagem escrita e o gênero em questão (BRASIL, 1998, p.144-145).

Neste caminho de incentivo e promoção da leitura, a possibilidade de destinar um tempo, para que as crianças realizem a leitura livre, com o objetivo de permitir que ela possa folhear um livro que goste ou lhe chame atenção, sem cobranças direcionadas ou quaisquer outras exigências, também são importantes, pois estabelece condições para que a criança escolha o que lhe interessa, com liberdade e sem obrigatoriedade. Para tanto, é preciso compreender que um livro é bem mais que um simples objeto, ele tem cor, cheiro, textura e forma, capazes de despertar a curiosidade infantil e, nesse sentido, mesmo sem a obrigação de ler, a criança pode e deve ver, folhear e apreciar o livro, permitindo que o seu instinto curioso possa florescer e se satisfazer, sempre com a supervisão do professor.

Embora essa estrutura de atividade possa parecer uma prática sem direcionamento ou planejamento, encontra respaldo nos documentos estruturantes da educação e, assim, de acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 144), “possibilitar às crianças a escolha de suas leituras e o contato com os livros, de forma que possam manuseá-los, por exemplo, nos momentos de atividades diversificadas;” também favorece as práticas de aquisição da leitura, além de ser considerada uma das condições essenciais para a sua efetivação, segundo o mesmo documento.

5. Considerações finais

A arte de contar histórias compreende uma das mais antigas formas de expressão do homem, utilizada para transmitir culturas, ideias, costumes ou até mesmo sentimentos. Foi disseminada com o intuito de manter vivas as memórias e vivências passadas. Hoje se faz presente como importante estratégia pedagógica condutora dos mais diversos conhecimentos, no tocante à área educacional e de formação humana. Baseando-se nesse pressuposto, o professor/contador atua como mediador no cotidiano escolar e pode aproveitar as mais diversas situações para elencar oportunidades de contato tanto com a história contada, quanto com os livros, impulsionando essa prática desde a mais tenra idade.

Acreditamos que a leitura seja um importante instrumento, para a construção e aquisição de conhecimentos, assim, é de grande relevância que se possa apreender saberes referentes ao tema, que contribuirão para a prática docente no âmbito da Pedagogia.

O estudo teve como objetivo analisar a contribuição da contação de histórias na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como a sua contribuição no processo de formação de novos leitores. Ademais, tal pesquisa teve como propósito compreender e apresentar aspectos acerca da contação de histórias na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, assim como os diversos recursos capazes de enriquecer essa narração.

Entender a contação de histórias, como prática educativa na educação infantil, é ter consciência da trajetória histórica que o ser humano passou, por ser uma das mais antigas formas de expressão utilizadas para se comunicar. Diante disso, o desenvolvimento da comunicação, tanto visual, textual ou oral, mostrou-se eficaz no

desenvolvimento cognitivo das pessoas. De fato, sua implementação na prática pedagógica escolar se tornou uma importante estratégia de ensino. No que concerne às potencialidades e desafios da contação de histórias como prática educativa, sua utilização estimula e favorece a criatividade, a imaginação, a oralidade e o senso crítico, bem como a socialização e o desenvolvimento de habilidades aliadas à alfabetização e ao letramento. O ato de ler, contar e ouvir histórias favorece a aquisição do conhecimento, estimula a criatividade, a imaginação e a oralidade.

Além da prática que os professores terão como ofício, na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, podem contar com materiais promissores para o enriquecimento da contação de histórias. São materiais como baú ou prateleiras de livros, tapetes coloridos, fantoches, dedoches, avental com personagens fixados com velcro, entre outros, os quais são recursos didáticos propícios a instigar a imaginação e produzir momentos de descontração e aprendizagens com as crianças. No que se refere à prática, temos um fator essencial que é a mediação dos professores, em favor desse fenômeno educativo, que assume um grande papel no planejamento e viabilização da sua ação pedagógica no espaço escolar.

É legítimo que a leitura seja a base para o processo de alfabetização, na qual as práticas pedagógicas favorecem o processo de novos leitores. Com a aquisição da leitura e da escrita, o ser humano pode tornar-se sujeito da própria história, capaz de compreender, interpretar, agir e interagir em qualquer situação ou esfera social. Cabe ao docente incentivar as crianças pelo gosto da leitura e escrita, instigando sua imaginação e criatividade, que, conseqüentemente, será o cerne para sua prática cotidiana, não somente no espaço escolar, mas na sociedade em que vive. Portanto propor diferentes métodos, com variadas ferramentas para este trabalho, é ser condizente com as estratégias e planejamentos que a educação tem para o pleno desenvolvimento da criança.

A pesquisa apresentada foi um estudo, no qual se pôde realizar uma reflexão de como a bibliografia-base da nossa temática está discutindo o processo de contação de histórias e sua contribuição para o processo de formação de novos leitores, que, nesse caso, são as crianças dos anos iniciais de ensino. Em decorrência do momento histórico que vivemos da pandemia da COVID 19 e diante da crise política, econômica, sanitária e social e da não previsão de retorno presidencial das escolas de Educação Básica, uma das limitações do estudo foi a falta de se instigar um produto

educacional capaz de ir a campo entender como tais atividades estão sendo realizadas com os estudantes, que, de fato, será tão promissor quanto a própria compreensão da prática pedagógica dos professores.

Para nós, educadores, lidarmos com nosso próprio desenvolvimento profissional docente, é necessária reflexão, diálogo, compreensão e empatia. São práticas inerentes do cotidiano que, junto aos conhecimentos específicos e profissionais, formam um sujeito capaz de entender a conjuntura social presente em nosso contexto educacional. Portanto torna-se enriquecedor compreender os aspectos acerca da contação de histórias na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, assim como os diversos recursos capazes enriquecer essa narração, oferecendo subsídios para contextualizar e aprimorar as técnicas usadas, além de viabilizar ao professor/contador a condição de uma dinâmica mediada e eficaz.

6. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995. 174 p.

AMARO, D. 44% da população não pratica o hábito da leitura. **Edição do Brasil**, Belo Horizonte, 26 out. 2018. Disponível em: <http://edicaodobrasil.com.br/2018/10/26/44-da-populacao-brasileira-nao-pratica-o-habito-da-leitura/>. Acesso em: 2 out. 2020.

BERNARDINO, A. D.; SOUZA, L. O. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educare et Educare: revista de educação**, Cascavel, v. 6, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Emendas Constitucionais. Brasília, DF: Planalto, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. v. 3.

BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2007. 152 p.

BUSATTO, C. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003. 123 p.

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010. 160 p.

GADOTTI, M. O que é ler? **Leitura: teoria e prática**, Porto Alegre, n. 1, p. 16-17, nov.1982.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

MARIGO, A. F. C.; BRAGA, F. M. **Em busca do conhecimento em educação: fundamentos do trabalho acadêmico-científico**. São Carlos: EdUFSCar, 2015. 93 p. (Coleção UAB-UFSCar).

MORENO, L. A. O lúdico e a contação de histórias na educação infantil. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 10, n. 97 p. 228-241, jul./dez. 2009.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 276 p.

ROSSONI, J. C. **A contação e histórias como possibilidade educativa: análise de dissertações e teses produzidas no contexto brasileiro**. 2013. Dissertação (Mestre Mestrado em Educação) -. Centro Universitário La Salle, Canoas, RS, 2013.

TAHAN, M. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961. 222 p.